

Desidério Aytai

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Desidério Aytai ([Budapeste](#), [Hungria](#), [1905](#) – [Monte Mor](#), SP, [1998](#)) foi um [antropólogo](#) húngaro radicado no Brasil.

Biografia

Em sua época, a [Real Universidade Húngara](#) não dispunha de curso para formar antropólogos, e Desidério seguiu vários cursos em busca de sua formação. Antropólogo e [engenheiro mecânico](#), trabalhou na construção de pontes, locomotivas e publicou diversos trabalhos sobre cálculo das curvas econômicas das linhas férreas, da determinação teórica do chamado fator de [Poisson](#) de aços, além de um livro de mecânica para uso de aprendizes técnicos. Foi o vencedor de um concurso literário sobre vibrações da corda de aço dos elevadores.

Em 1931 casou com Elisabeth Lazár, pianista e organista com um currículo musical onde constavam concertos clássicos de [Buxtehude](#), [Bach](#) e [Chopin](#).

Pelo fato de falar vários idiomas, após a [Segunda Guerra Mundial](#) foi convidado para o serviço diplomático, trabalhando em [Paris](#), [Washington D.C.](#) e [Roma](#), e em 1948 imigrou para o Brasil. Iniciou assim suas pesquisas nos [sambaquis](#) do litoral sul paulista, fazendo pequenas exposições em sua casa e em escolas.

Em 1963 foi convidado pela [Universidade Pontifícia Católica de Campinas](#) (PUC) para ocupar a cadeira de [Antropologia](#) nos três primeiros anos no curso de [Ciências Sociais](#). Trabalhou em várias faculdades como professor e pesquisador, inclusive na Unicamp ([Universidade Estadual de Campinas](#)). Trabalhou também como engenheiro na Merck Sharp e Dohme, General Electric.

Após aposentar-se, fundou na PUC a Faculdade de Engenharia, sendo o primeiro diretor da mesma. Passou a se dedicar à pesquisa, tendo organizado expedições aos índios [Xavante](#), [Bororo](#), [Pareisi](#), [Guarani](#), [Karajá](#), [Halótessu da Serra Azul](#), [Saráê](#), [Galera](#), [Mamaindê](#), com filmagens e pesquisas de interesse científico.

Trabalhou em dois museus na Hungria, no museu da [Smitsonian Institution](#) em Washington D.C., no [Musée de l'Homme](#) em Paris, no [Museu do Vaticano](#) em Roma.

Desidério faleceu em 24 de junho de 1998, aos 93 anos.

Obras

- Organizou, juntamente com Renata P. P. Leite Antônio, o museu de [Tupã](#)
- Fundou o [Museu Histórico de Paulínia](#)
- Fundou o [Museu Municipal Elizabeth Aytai](#) em Monte Mor, onde foi assessor científico voluntário por vários anos^[1].

Notas e referências

1. A denominação do museu de Monte Mor se deve ao fato de ter sido Elizabeth Aytai quem encontrou a primeira urna funerária na aldeia tupi, com 800-1000 anos de idade, em Monte Mor. Ela acompanhou o marido muitas vezes, nas expedições aos índios, falecendo em 1990, aos 84 anos

Referências bibliográficas

- AYTAI, Desidério (2007), *Autobiografia*, Página da Prefeitura de Monte Mor. ISBN In: <http://www.montemor.sp.gov.br/>

A história do Museu

O Museu foi fundado em 05/11/1988, é o resultado de um trabalho de muita luta e dedicação do Dr. Desidério Aytai.

A principal atividade do Museu é, naturalmente, organizar exposições do interesse da população local. Como nosso município é “uma família unida” (1), sentimos que havia necessidade de termos uma sala dedicada à história do Município. É a primeira sala, que procuramos melhorar sempre com novas informações, fotos, objetos de uso comunitário.

Há uma segunda sala dedicada às exposições transitórias que ficam três ou quatro meses. Assim, anualmente temos novos temas expostos, de modo a manter uma dinâmica de interesse entre seus freqüentadores.

Neste momento temos uma exposição sobre arqueologia pré-histórica, mostrando a cultura material dos índios da tradição tupi-guarani que aqui vieram.

Em breve, entraremos com uma exposição sobre a maior reserva de árvores da Floresta nativa do município: a Mata do Lobo.

Fonte: Jornal Correio Popular 26/03/1972.

Localização e Contato:

Museu Municipal “Elizabeth Aytai”

Fone: (19) 3879-2174

R. Siqueira Campos, 196 – Centro

Coleções do Museu:

- Coleção mineralógica;
- Coleção de história natural;
- Coleção de numismática;
- Coleção de Periódicos, jornais de interesse histórico, político e científico;
- Coleção de fotografias e outras ilustrações de interesse histórico, inclusive quadros pintados ou fotografias de personagens do passado de Monte Mor;
- Coleção de fotografias e desenhos de interesse etnológico;
- Coleção de slides sobre os índios Waurá do Xingú de autoria e por doação da antropóloga Dra. Vera Penteadó Coelho (MAE-USP).
- Coleção de discos de música popular, folclórica e erudita;
- Biblioteca com um bom número de livros de interesse antropológico e arqueológico;
- Fornecemos tecnologia de exposições para entidades locais, para organizarem suas exposições em localidades diferentes da cidade;
- Emprestamos exposições do nosso acervo.

Acervo:

Total de objetos.....	2164
Total de numismática.....	1546
Total de jornais.....	655
Total de fotografias.....	2314
Total de biblioteca.....	791
Total de documentos históricos.....	424
Total de história natural.....	174
Total de mapas.....	361
TOTAL DO ACERVO.....	8429

Autobiografia Doutor Desidério Aytai

Fundador do Museu Municipal de Monte Mor, deixou uma história que é exemplo, ele era avesso a qualquer tipo elogio. A história de vida só enriquece o município de Monte Mor que contou com seus estudos e acabou fundando o Museu Municipal. Modesto, ele próprio fez um resumo de sua biografia. Mas sua obra é muito superior, muito mais ampla que esse resumo. Ao tomar conhecimento de parte de sua biografia, e todo trabalho que deixou, vê-se que o intelectual Desidério Aytai foi mais um tesouro que o município contou em suas paragens. Veja a seguir essa autobiografia. “Nasci em 1905 em Budapeste, capital da Hungria, onde passei a maior parte de minha infância com a exceção de dois anos passados na Argentina, em Buenos Aires. Naquela época, a Real Universidade Húngara não tinha curso para formar antropólogos, portanto tive que seguir parte de vários cursos para minha formação. Sou antropólogo livre-docente e adquiri também diploma de Engenharia Mecânica, esta última não por interesse intelectual, mas para ganhar dinheiro e gastá-lo para pesquisa antropológica. Expedições, viagens custam muito.

Primeiro trabalhei numa firma de construção de pontes e estradas, continuando como engenheiro de construção de locomotivas, tendo publicado vários trabalhos científicos, cálculo das curvas econômicas das linhas férreas, determinação teórica do chamado fator de Poissant de aços, e também um livro de mecânica para uso de nossos aprendizes técnicos e ganhei um concurso literário sobre vibrações da corda de aço dos elevadores.

Meu sonho foi estudar a cultura primitiva da África, a América do Sul estava muito longe e a viagem teria custado mais do que eu tinha.

Em 1931 casei com Elisabeth Lazár, exímia pianista e organista que deu numerosos concertos clássicos de Buxtehude, Bach e Chopin, e tocava o órgão em várias igrejas. Ela acompanhou-me, mais tarde, nas expedições aos índios, às vezes perigosas, e quando protestei contra sua participação nos perigos ela respondeu: “Eu vou, seria tão bom morreremos juntos”. Este seu desejo não se realizou: ela faleceu em 1990, com 84 anos.

Depois da segunda guerra fui convidado para o serviço diplomático, provavelmente porque falava várias línguas. Trabalhei em Paris, Washington D.C e Roma, e em 1948 imigrei para o Brasil.

As lutas pela existência nos primeiros anos não me permitiram expedições, mas comecei a fazer pesquisas nos sambaquis do litoral Sul Paulista e fiz pequenas exposições em minha casa para meus conhecidos e até para escolas.

Em 1963 fui convidado pela Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) a ocupar a cadeira de Antropologia nos três primeiros anos no curso de Ciências Sociais, - o que aceitei com satisfação porque gostava e gosto de ensinar. “He who knows does, he who doesn’t know teaches” – “Quem sabe faz, quem não sabe, ensina”, ironizou Bernard Shaw.

A partir desta data trabalhei em várias outras faculdades como professor e pesquisador, inclusive na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas). Começou então a época da realização de meus sonhos em fazer pesquisas etnológicas entre selvagens. As universidades ajudaram, mas não pagaram todas as despesas das expedições, e por isto fui obrigado a trabalhar como engenheiro também na Merck Sharp e Dohme, General Eletric.

Quando me aposentei por idade e fiquei sem trabalhar mais na indústria, fundei para a PUC-Campinas a Faculdade de Engenharia, sendo o primeiro diretor da mesma.

Dediquei-me depois inteiramente à pesquisa, tendo organizado expedições aos seguintes índios: Xavante, Bororo, Paressi, Guarani, Karajá, Halótessu da Serra Azul, Sararê, Galera, Mamaindê, entre eles, várias visitei repetidas ou muitas vezes, passando semanas ou até meses em estudos. Ofereci depois projeção de filmes e gravações da música e conversas, mitos em muitas universidades e sociedades de interesse científico.

Não contando dois museus na Hungria, trabalhei e estudei no museu da Smitsonian Institution em Washington D.C., no Musée de l’Homme em Paris, no museu do Vaticano em Roma, fundei o Museu Histórico de Paulínia e o Museu Municipal Elisabeth Aytai em Monte Mor. A denominação veio do fato que tinha sido ela que encontrou a primeira urna funerária na aldeia tipo tupi, de 800-1000 anos de idade em Monte Mor, que eu descobri em 1971.

Organizei junto com minha colega Renata P. P. Leite Antônio, o museu moderno de Tupã e, além das diversas escavações, reconstruí muitos objetos, vasos de cerâmica pré-histórica para universidades e museus.

Atualmente estou combatendo as fraquezas da velhice com trabalho intenso, principalmente no Museu de Monte Mor, há mais de 9 anos como assessor científico sem honorários. Seria tão bom morrer no Museu: o trabalhador morre caindo o martelo da mão que nele usa até o último suspiro.”

O professor Desidério, não chegou a falecer no museu. Mas trabalhou até os últimos dias de sua existência. No dia 24 de junho de 1998, aos 93 anos, ele falece.